Depois dos anos 2 milhões de pessoas evacuadas em enchentes no Rio Grande do Sul, o Vale do Taquari, Rio Grande do Sul.

ESTADO DEVE BANCAR RECONSTRUÇÃO DO RS E NÃO O SETOR PRIVADO, DIZ AUTOR DE 'CAPITALISMO DO DESASTRE'

Antony Loewenstein compara catástrofe no estado brasileiro ao Haiti e Nova Orleans e explica como ainda se mantêm ativos os consultorias especializadas em lucrar com tragédias, como a Alvarez & Marsal.

Lara Almeida
Jornalista
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Há 20 anos, o australiano-alemão Antony Loewenstein decidiu viajar o mundo atrás de tragédias em nome do continente. Essa empreitada rendeu ao jornalista e documentarista uma perspectiva única sobre a empresa do capital de tragédias, sintetizada no livro "Disaster capitalism: Making a killing out of catastrophe" (Capitalismo do desastre, em livre tradução).

Um dos casos estudados por Loewenstein é o de Nova Orleans, que foi atingida pelo furacão Katrina em agosto de 2005. Na ocasião, foram registrados 1836 mortos ao todo. A temporada rompeu as barragens de contenção, gerando a inundação das partes mais baixas da cidade. 400 mil pessoas perderam suas casas, muitas se mudaram para outros estados e até outros estados.

O que se via a seguir foi uma fórmula neoliberal replicada posteriormente em muitos lugares: redução de serviços públicos, casas construídas em áreas onde não deveriam estar, escolas particulares no lugar de escolas públicas. E vítimas frequentemente ignoradas. O autor via esse fenômeno se repetir do Afganistão à Papua Nova Guiné.

"A melhor forma que encontro para descrever o capitalismo de desastre são pessoas que ganham dinheiro com a miséria", ele define, em entrevista ao **Intercept Brasil**. "O que pode acontecer por meio da guerra, da ajuda humanitária, ou da oferta de apoio em tempos de crise", diz.

No caso de Nova Orleans, o estado da Louisiana contratou a consultoria Alvarez & Marsal para reestruturar a cidade, a mesma empresa que é perfeito Sebastião Melo, do MDB, agora escolhe para acomodar a recuperação do capital gaúcha.

Loewenstein avaliou a reconstrução de Nova Orleans no pós-Katrina. Nessa pesquisa, viu o trabalho de consultorias como a Alvarez & Marsal que transformaram o bairro populares em bairros elitizados, expulsaram o mínimas para regiões mais distantes e fortaleceram o interesse de grandes empresas, shoppings e similares.

"Uma empresa enterra de gesso não conhecer as necessidades da população local", ele critica. "Eu ficaria preocupado que alguém tipo de crise semelhante acontença no Rio Grande do Sul".

LEIA TAMBÉM:

- Solidariedade é essencial mas a crise climática exige ações estrúrgicas do estado
- Enchentes no RS: Lula o relatório de 2015 que propõe o desastre – e as governos ocultaram ungaresse
- Vídeos contrariam EUA e mostram Israel burlando ajuda humanitária em Gaza
- Entrevista: "A expulsão dos nativos, sejam indígenas ou palestinos, não é um evento histórico, mas uma dinâmica estrutural permanente"

Antony Loewenstein - Foto: divulgação

Ainda em Nova Orleans, o jornalista ouviu de moradores que a ajuda do governo federal foi muito mais lenta para os bairros mais ricos, onde os moradores tinham mais recursos financeiros e políticos para pressionar o governo. Ao mesmo tempo, a ajuda chegou mais rápido para os bairros mais pobres, onde os moradores não tinham recursos financeiros e políticos para pressionar o governo. Ao mesmo tempo, a ajuda chegou mais rápido para os bairros mais pobres, onde os moradores não tinham recursos financeiros e políticos para pressionar o governo.

Desde lançamento de "Capitalismo do desastre", Loewenstein se tornou uma voz respeitada e crítica nas discussões sobre exploração econômica e conflitos, sobretudo no Oriente Médio.

Sua abordagem investigativa rendeu-lhe reconhecimento global e prêmios importantes, como o Walkley Book Award, o mais prestigioso do jornalismo na Austrália, por seu livro mais recente, "Laboratório Palestina" (em pré-lançamento pela Editora Elefante).

Leia a entrevista a seguir:

Intercept Brasil - Você é Naomi Klein pesquisavam sobre esse novo conceito, o capitalismo de desastre. O mérito(ou do seu livro oferece uma definição mais certa e brutal: "lucrar com a catástrofe".

Como isso realmente funciona? Como é possível lucrar com a destruição?

Antony Loewenstein - A melhor forma que encontro para descrever o capitalismo de desastre são pessoas que ganham dinheiro com a miséria, o que pode acontecer por meio da venda de armas e insumos de guerra, da ajuda humanitária, ou da oferta de apoio em tempos de crise.

Como ele funciona? De forma prática, ao longo das últimas décadas, o estado, seja nos Estados Unidos, no Brasil ou em outros países, quer gastar menos do seu próprio dinheiro, diabetes do estado, diabetes pública, e contratar mais e mais forças privadas externas.

> **As 'vítimas frequentemente são ignoradas pela imprensa e empresas contratadas para reconstrução'.**

Essa prática frequentemente não fornece os serviços necessários às pessoas em sofrimento, mas certamente enriquece muitas empresas que estão tentando lucrar com a catástrofe.

E quando se trata, por exemplo, de algumas coisas como o terremoto no Haiti em 2010, que foi um complexo desastre e mataram cerca de 250 mil pessoas, ou EUA, durante o governo do presidente Obama, se comprometeram a ajudar. Prometeram algo como 10 ou 11 bilhões de dólares em ajuda humanitária.

Mas uma parte muito grande desse dinheiro, na verdade, ia para empresas privadas americanas, que iam até o Haiti, forneciam muito, muito pouco em termos de serviços ou formação contínua, e depois voltaram para os EUA, sem melhorar em nada a situação dos haitianos.

E hoje, sem dúvida, o Haiti está uma bagunça complexa. E eu me pergunto que algo semelhante possa acontecer no Brasil.

A prefeitura de Porto Alegre acabou de contratar a Alvarez & Marsal, que atuou em Nova Orleans, para nossa resposta ao desastre dos enchentes. O que podemos esperar dela?

Francamente, eu estaria preocupado, porque eles gosta e que essa empresas fazem, as chamadas consultorias de gesso, e acontecer que mesmo dinheiro seja gasto em serviços públicos e apoio público, e muito mais no setor privado.

> **'A crise climática não vai acontecer no futuro, ela está acontecendo agora'.**

Então, quando se trata de um desastre natural, a ideia é que seja algo como acontecerá em Nova Orleans após o furacão Katrina, em 2005. E durante que essa empresa entre envolvida na chamada reconstrução dessas áreas.

Houve uma redução enorme dos serviços públicos em Nova Orleans e em muitos outros lugares. Certas coisas foram construídas em áreas onde não deveriam estar. Não havia escolas públicas suficientes, mas sim, escolas particulares, que é, claro, excluíam as pessoas que não podiam pagar: alto arrendamentos, hipotecas, entre outros.

E as vítimas frequentemente foram ignoradas pela imprensa e empresas contratadas para a reconstrução nos lugares que valiam ou não. Eu ainda me pergunto sobre o Haiti e a Papua Nova Guiné. Suas necessidades são abertamente detestadas de lado.

Os moradores locais conhecem suas comunidades melhor do que ninguém. Uma empresa enterra de gesso não conhece as necessidades da população local. A população local é quem conhece melhor suas necessidades.

Então, eu ficaria preocupado que algum tipo de crise semelhante acontença no Rio Grande do Sul após esse desastre natural.

Qual seria uma boa resposta para uma tragédia como as enchentes no Rio Grande do Sul? Quais ações se principais de uma resposta adequada e popular para esse tipo de tragédia?

Bem, existem duas formas de falar melhor com isso.

Primeiro, eu é claramente um sinal do aumento das mudanças climáticas. A crise climática não só acontecer no futuro, ela está acontecendo agora. E o que o Brasil e outros países precisam fazer é mais rápido possível é, obviamente, reduzir sua dependência e seu uso de combustíveis fósseis, fazer a transição mais rápida possível para a indústria de baixo carbono ou carbono zero, solar, eólica, e outras.

O que eles também precisam fazer nos regiões especialmente afetadas, digamos, por inundações, é construir defesas que sejam para pego pelo estado, não pelo setor privado.

É preciso haver muita pressão pública para que isso aconteça, para proteger essas comunidades, porque com muita frequência é em mas trabalho com o capitalismo de desastre como eu mais pobres e mais marginalizados são ignorados e suas necessidades não são ouvidas.

E só isso, por exemplo, no Afganistão, no Haiti, e até em Nova Orleans, depois do furacão Katrina.

Você tem cobertos o Oriente Médio em suas pesquisas e livros. Ao guerras são casos clássicos de desastres causados pelo homem. A colonização também é uma forma de "apropriação de bens comuns"? o que antes era terra indígena comunal se torna propriedade privada, desenvolvimentos imobiliários e assim por diante. Essa é o fio condutor entre essas duas pesquisas?

Sim, também é uma forma de apropriação de terras. E uma das coisas em que me concentro, especialmente no Oriente Médio, e não se trata apenas de Israel e Palestina, mas também de outras regiões.

Passei muito tempo no Arábia Saudita, no Egito, na Jordânia e em outros lugares, e a ideia é que a maioria dessas regiões são essencialmente estados clientes dos EUA. Eles existem como ditaduras, estados policiais, e no caso da Arábia Saudita, teocracias.

Seu objetivo é reprimir o próprio povo. E isso, claro, atende aos interesses dos Estados Unidos e de Israel, porque a verdadeira democracia é perigosa na maioria dos estados árabes.

Se perguntarem a repórtés pública, em países árabes: você quereria, por exemplo, que nosso país quase Israel, defenda Israel, estabeleça vínculos de defesa e vigilância com Israel, a maioria das pessoas diri que não.

Vimos a ocupação dessa raiva popular durante a Primavera Árabe, em 2011, 2012, em diante. Sabemos que a Primavera Árabe foi brutalmente esmagada.

Mas como eu digo em meu livro "Laboratório Palestina" (em pré-lançamento pela Editora Elefante), uma das principais coisas pelas quais Israel está estabelecendo cada vez mais vínculos com o mundo árabe, e o motivo pelo qual a grande maioria das lideranças árabes não sem corruptas relações com Israel, é porque esses países árabes querem a tecnologia de repressão e vigilância que Israel testou na Palestina para reprimir seu próprio povo.

Eles testem seu próprio povo, e temem a possibilidade de algum outro tipo de Primavera Árabe.

S.O.S INTERCEPT

Pera! Antes de seguir com seu dia, pergunto a si mesmo: **Qual a chance de história que você acabou de ler não produzida por outra redação se o Intercept não a tivesse feito?**

Pense em como notícia o mundo sem o jornalismo do Intercept. Quantos esquemas, abusos judiciais e tecnologias distópicas permanecerium ocultos se nossos repórteres não estivessem lá para revelá-lo?

O tipo de reportagem que fazemos é essencial para a democracia, mas não é fácil, nem barato. E cada vez mais difícil de sustentar, pois **estamos sob ataque da extrema direita e de seus aliados dos big tech, do político e do judiciário.**

O Intercept Brasil é uma redação independente. Não temos sócios, anúncios ou patrocinadores corporativos. Sua colaboração é vital para continuar incomodando poderosos.

Apoiar é simples e não precisa custar muito: Você pode se tornar um membro com apenas 20 ou 30 reais por mês, boa é cada que ajuda a jornalismo em que você acredita. Toda colaboração conta.

Estamos no meio de uma importante campanha - a S.O.S. Intercept - para arrecadar R$ 250 mil ao e final do mês. Nós precisamos cobrar mesmo orçamento de volta nos trilhos após meses de queda na receita. Você pode nos ajudar hoje?

QUERO APOIAR ☺

TEMAS RELACIONADOS

Governo | Rio Grande do Sul | Reconstrução pós-desastre | Capitalismo | Capitalismo de desastre | Enchentes no RS | Ódio | Redistribuição | Pobreza

ENTRE EM CONTATO

Lara Almeida
@lcalmeida
Lara.almeida@theintercept.com br

ARTIGOS RECENTES

Entregadores são cobrados, suspensos e bloqueados pelo iFood. Multa gera perder muitos alugadas nos enchentes
R. M. Lopes · Lara Martins

Startup cobrada a pública cobrarlos(cobrou alugar). Entregadores suspensos, sugiram forte contra manifestar afinadas por enchentes.

Veto a crime de falso sexo eleitoral não tema a internet tera sem lei
R. M. Lopes · Lara de A. e Silva

Livro quase réu sexo, mas o Congresso Nacional cuidaram e sem ele as penalidade. Só Bolsonaro e ovelha da Lei de Segurança Nacional e Crimes contra o Estado Democrático de.

Entrevista: 'A expulsão dos nativos, sejam indígenas ou palestinos, não é um evento histórico, mas uma dinâmica estrutural permanente'
R. M. Lopes · Lara Almeida

Tragédia climática, violência e ódio de Tigrinho são matéria-prima para fraudeiros extremam intelligência artificial ou. Apagou, pseudônimo de trabalho remoto.
R. M. Lopes · Tatiana Roque, Sofia Manzano

Pesquisa acusando de invasão e tortura a ex-clube de vôo só ou pagará ha suspeita de que PM agiram como seus agressores em conflitos.
R. M. Lopes · Leonardo Fuhrmann

Brasil Holandesa explica que não se tornou no tamanho na Palestina. Ocupação Holandesa, colonialismo, e depois pelo seria, diversa em cana-açúcar mediúnsul.

QUERO APOIAR ☺

©2024 First Look Media Brasil Agência de Notícias, Ltda. Todos os direitos reservados.